

A CHRYSALLIDA

Orgam do Gremio Lyceista Olavo Bilac

REDACTOR CHEFE:--Martins de Oliveira

COLLABORADORES:--Diversos

N. 7

Cuyabá, de 29 Julho de 1926

ANNO I

Poetas mortos.

Dormi poetas, vós todos que soubestes sentir e compreender tudo aquillo que nos parece extraordinario e inconcebivel.

Dormi confortados para sempre, não na lage fria de um tumulo, onde abundam os chacaes da podridão da Terra, mas, no coração do povo, que cora com flôres a memoria d'aquelles que souberam produzir na vida.

Não sou poeta; mas, sei admirar uma produção de Casimiro de Abreu e de Castro Alves, poetas que cantaram com grande inspiração e sentimento d'alma.

Sei render culto a Alvares de Azevedo que soube repr. duzir em versos as dôres de sua vida, que as lagrimas não puderam consolar. Alvares de Azevedo, esse poeta triste do seculo XIX, a quem assaltava a todo momento a lembrança de morrer, acorrendo lhe este pensamento um duplo soffrer, pois que, accumulando as suas dôres as de sua mãe. E' o que vemos n'este quadra:

Só levo uma saudade — é d'essas sombras.

Que eu sentia vellar em noites minhas...

E' de ti, ó minha mãe, pobre colada

Que por minha tristeza te difinhas!.

E Alvares de Azevedo morreu na idade risonha dos vinte annos, em que o coração esperançoso de moço é robustecido pela força sadia da intelligencia; nessa mesma idade em que o ramalhete de rosas vai coroar a cabeça do poeta, que a morte implacavel a cobiza para adorno do tumulo. Para que mais accordar?

Dormi poetas, vós que amastes a solidão, comprehendestes a linguagem da Natureza e cantaste uma flôr que serve apenas ao sertanejo, para adorno de um vaso ou o encanto de suas matas.

Dormi vós todos, que tivestes ao envez da ventura, a desgraça; da felicidade, a miseria; do gozo, o desespero.

Castro Alves, Bilac, Gonçalves Dias, onde estaes.

Bem sei que para o tumulo tem o mundo o esquecimento.

Mas, como poderemos esquecer o "poeta dos escravos," que foi Castro Alves, autor do "Navio Negreiro" e "Vozes da Africa", poemas de belleza inaccessivel.

Bilac, o perfeito litterato, que irmanou a qualidade de grande poeta, a de prosador de estylo proprio e admiravel.

Gonçalves Dias o poeta lyrico, que cantava com grande naturalidade e inspiração, a quem coube como ultima morada o abysmo do Ocean.

Ovidio, onde estaes?

Os vossos gritos de dor não mais atravessam as grades tertricas de vossa masmora.

Não mais ouvimos, nem o lamentar de Camões, chorando no hospital a ingratidão de sua patria, nem o soluçar de A. Azevedo sobre o traveseiro, quando a idea de morte vinha ferir a sua alma desfelizada.

E parece haver como já disse alguém, "uma maldição do inferno que pesa sobre a cabeça do poeta".

Não importa! Cantae nas vossas lyras, ó poetas que aspiraes dentre em vós um mundo mais feliz, que a nós outros não é da do conhecel-o.

Não importa a pequenez do tumulo que a Terra vos reservou, quando a humanidade inteira recorda com lagrimas a morte do poeta, e tem sempre viva nalma a memoria do genio.

B. Duarte

RABISCOS

(Flôres)

Ao amigo A. P. Figueiredo.

No doce enleio da fresca madrugada, quando a meiga luz vem despertar implumes passarinhos que dormitam nos suaves ninhos, abri flôres, vossas corollas cunhadas aos afagos sublis da gragem matinal, espalhando pela Terra os aromas inebriantes dos vossos pequeninos seios, pouco sensuaes.

O flôres, consenti que eu darma como os insectos, com vossos seios virginaes, quero também como os poetas, ouvir das musas as vozes de chrystal.

Flôres que desabrocham ao contacto dos labios rubros de jovens amantes em sonhos pueris, em noites de luar.

Flôres que nos recordam a eterna tristeza das paisagens polares; flôres de saudade que vicejam nos acanhados vasos das cryptas funerarias; flôres que têm a côr do manto celestial; flôres que vicejam na solidão; flôres martyrisadas de soffrimento, flôres de todas as cores, minhas eternas companheiras, minha consolação.

O flôres, não me abandoneis, quando os despojos de meu corpo inerte repousarem no chão; velae eternamente por mim, que só assim terei cosolação.

E quando como as vossas petalas cahirem os restos de meu coração, sede minhas companheiras através os asperos caminhos da evolução.

A. Molina

Santa Rosa de Lima

Isabel! Assombro da formosura de século XV. Foi uma flôr. Flôr, que algum vento do oriente furtou ás sepulturas reais de Ninive ou Babylonia, e a trouxera nas suas azas gemebundas ás terras do Perú. Ou ainda flôr colhida nos jardins da Semiramis ou dos sultões, por mão divina, que a trouxera ao novo mundo como reliquia do passado. Formosura puríssima, semelhante a do lyrio! Era casta! Casta como o beijo de mãe que embala o filhinho, casta como o cruzeiro do sul em noite primavera. Todos os jovens a estremeciam e a adoravam como a um idolo.

Eu quizera n'este momento ser um poeta para traduzir em poema de infinita doçura a sua belleza incomparavel.

Estas palavras são simples, mas, exprimem o meu pensamento ardente.

Zeuxis, o grande esculptor grego, habituado a reproduzir, com extrema arte, tudo que havia de bello, se levantasse de sua fria lousa, diria certamente que era uma verdadeira maravilha e que ultrapassaria as suas estatuas de fino marmore.

Tinha essa virgem milhares de adoradores, mas, o amor no seu peito jazia adormecido.

Nenhuma alma jamais fe-lo acordar

A rocidade irradiante, transportada ás regiões dos sonhos, tinha insaciaveis desejos de conquista-la, mas, era repellida pelos seus olhares com expressão de revolta.

Pesava no seu coração a ansia de comprehender aquella creatura mysteriosa.

Não via nos seus olhares a menor sombra de uma esperanza, que fosse compensadora aos seus esforços.

Não! Isabel era um enigma por assim dizer.

Desconhecia inteiramente os prazeres mundanos e vivia oculta no seu velho castello mys-

terioso, á sombra calma dos bosques, como uma flôr immersa nas desertas gargantas dos Alpes.

Os seus pretendentes chamavam-na Rosa por ser muito corada.

Os palacios sumptuosos de seu pae ruíram como as petalas de uma flôr delicada, queimada pelo sol ardente de Agosto.

Aquella virgem veio então a conhecer o soffrimento, a desgraça e a pobreza.

Vendo o estado miseravel de seus paes, fez-se escrava e sahindo de porta em porta á procura de empregos para auxiliá-los.

Assim, sem um queixume, soffreu a miséria que a amortalhava.

Longos annos, buscou a miséria vencer o estado lastimoso de seus paes, tendo os olhos constellados de esperanza.

O coração do homem mais a butra, não poderia deixar de sentir nostalgia ao vel-a.

Parecia que essa virgem possuía um imán, que atrahia os homens.

Para afugentar os pretendentes, que desejavam sua mão, esfregavaervas corrosivas na face, mas, nem fazendo isso os seus encantos desapareceram.

Para escapar ás perseguições loucas, fez-se freira da Ordem Terceira de S. Domingos.

Morreu em 24 de Agosto de 1671 nos braços meigos da tarde. O Papa Clemente X, a pedido dos peruanos, a canonizou em 30 de Agosto de 1671.

A sua memoria em flôr, sempre perfeita e divina está gravada com letras indeleveis no coração do povo peruano.

Ambrosio

Wady Boabaid

Avisa ao publico desta Capital que recebeu pela ultima lancha, grande sortimento de fazendas modernas, dezenhos chics — novidades, — brim gabardine inglez legitimo e muitos brins e morins largos, superior algodão, infestado, linho "Sorriso" cores sortidas.

QUERIS VESTIR BARATO? Fazei uma visita á casa WADY BOABAI

Rua 1.ª de Março, 12

Preços sem competidores

IRMÃOS MIRAGLIA

Jóias e relógios

Telephone, 244

Rua 13 de Junho 104

A morte do toureiro

Por Netto

Aos touros! Aostouros! E' o grito que se ouve desde pela manhã, nas ruas de Sevilha, a cidade das touradas.

Nas immediações do grande colyseu estacionam os mercados de laranjas, figos, uvas e romãs, passam apressadamente os gitanos com largas cintas vermelhas, camponios de vastos sombreros e as bellas andaluzas com os cabellos adornados de enormes pentes e flores cor de sangue.

A grande praça regorgita de espectadores, e o rumor por elles feitos, só é comparavel ao de uma grande colmeia.

Debaixo de grande ovação penetra na arena o cortejo dos toureiros, vestidos de brilhantes cores, proprias para excitarem o furor dos touros.

Principia o espectáculo; Pietro o mais valoroso de todos, prega as bandarillas no pescoço da fêra; a multidão bramindo, acclama-o ardorosamente.

Eil-o que vae novamente armado de uma espada, de cuja ponta talvez dependa a sorte do animal.

Pela virgem! Que horrivel encontro! O toureiro tomba com o peito traspassado por uma das hastes do touro.

Retiram-no da arena.

Está morto, e a sua mulher chora inconsolavel.

Lá fóra, na arena, ouve-se immenso clamor da indifferente multidão que applaude linda sorte de um cavalleiro vestido de brilhantes cores.

Atophan, Nutrogenol, Coloca, Nutron, Pilulas Blancard, Izoemol, Xarope thiocol, alcaçus, Emulsão Scott, Antiechymosis Faral, Vinho de Gayacol, Vinho creosofado, Elixir de Iohame e Nogueira Encontra-se na **Pharmacia Rabello**.

Dr. Agricola Paes de Barros
INSPECTOR DA HYGIENE PUBLICA

convida a todas as parteiras desta capital para comparecerem na Inspectoria de Hygiene, afim de lhes ministrar instrucções necessarias e o respectivo attestado, para o exercicio do seu mister.

O noivado do Passarinho

Um casal de passarinhos
O primeiro de seusinhos,
Na laranjeira tecem,
Sob as cortinas das flores,
Sob um tecto de verdores,
Para o mais doce hymeneu.

Eil-o pousado no galho...
As pedrarias de orvalho
São jóias de toucadour;
Arrufa as azas serenas,
Os bicos roçam nas pennas,
Em beijos mornos de amor.

Hoje, o casal namorado
Canta o hymno do noivado,
Nas expansões mais gentis...
Jamais houve empedimento
A tão puro casamento
De dois lindos jurytis!

Como está tão lindo agora,
Embalsamado de aurora,
Este canto de vergel!
A primavera é uma fada,
Que com a varinha encantada
Faz prodigios num painell!

Que leve e cheirosa brisa!
Toda a alfombra se matiza
De borbulhetas azues.
Começa o baile nas rãs:
Valsam azas vaporosas
D' aureos insectos tafues.

Dão risadas os convivas
— As avesinhas esquivas —
Nos ramos a saltitar;
De tanto beberem vinhos,
Nas faças dos rosmarinhos,
Só podem se embrigar.

Mas, triste festa de bodas!
São no mundo as cousas todas
Cheias de magua e de dor.
Silva um tiro traizoeiro
— Sinistro pio agoireiro
Do crime do caçador.

Tomba um dos noivos, ferido
Do bico, envez dum gemido,
Com a morte no coração,
Solta na leve agonia
Uma gotta de harmonia
Da derradeira canção.



Aéronauta



*Na quietude sublime do luar,
Ao zephíro odoroso da saudade,
Abrindo os azas para a immensidade,
Voam as illusões de par em par.*

*Desapparecem, assim todas no ar!
Imagens mortas de felicidade,
Vagam boiando na serenidade
Do esquecimento, onde ellas vão pousar.*

*Pelo espaço infinito uma visão
Fluctua, percorrendo a vastidão
Sem fim, equorea, azul do firmamento.*

*Vendo o Deus que se agita com furôr,
As estrellas murmuram com pavor:
Oh! que audaz aeronauta é o pensamento!...*

Gelso d'Oliveira.



Depois, se a beira d' um ninho,
Cuvires de um passarinho
Queixumes, threnos de dor,
E' do noivo, a quem ivade
A tristeza da saudade
E talvez morte de amor!

Cuiabá, 22 - 6 - 925.

Martins de Oliveira.

(Do Gremio Castro Alves)

Nota: Estes pobres versos, sem
nenhum encanto, baseiam-se
emb-ra, num facto verdadeiro.

Affirmam os proprios scien-
tistas, que as rolinhas não re-
sistem á dor da viuvez.

Se lhe morre o companheiro,
o outro chora e canta até ca-
hir exausto e encontra-o... no
ceu! Sublime lição de amor e de
fidelidade! Sim, queridas roli-
nhas, a vida é insuportavel,
quando não temos um coração
que palpita junto ao nosso, no
rhythmo universal do amor!

O Autor

Questões

O amigo Ernesto Borges di-
gnou-se enviar nos a sua defesa
e prova de que foi Fernão de Oli-
veira o autor da primeira gram-
matica portugueza. Um anony-
mo veio affirmar que era João
de Barros. O Ernesto que tem
consciencia do que diz, não quiz
dormir sem fazer a replica.

Ella ahi está

"Todas as cousas têm o seu contrario"

Herachto

Acedendo ao dispositivo do
nosso competente Reditor-che-
fe d' 'A CRIZALIDA', hoje a
presento aos Srs. leitores o arti-
go de que incompetentemente me
devo ocupar, e que em verdade
cauzará anorexia a todos, por-
quanto não é isto almoço para
tão fraco organismo como o meu
o é.

Não ha duvidar que o escôpo
da minha opinião viesse dar an-
sa a polémica.

Efetivamente, como pairas-

A CHRYSALLIDA

Publicação quinzenal -- Redacção: Rua L. de Março 20

Preço de um numero: 300 réis.

Trimestre: 1\$500

se duvida, não tardou que um gramaticão m'o corrijissee.

Porém, apesar de leigo que sou na materia em questão, o que a mim me parece é que o meu contraditor tem este por um caso inédito, coisa esta que anota da quasi todos têm em suas postilas gramaticais, m.s, ainda que remisse, passo a traçar, acerca disto, um perfil mais rapido que a comunicação dos orgãos sensitivos com o cérebro.

Opinei em o n. passado, ter sido Fernão de Oliveira o primeiro gramático da lingua portugueza, enquanto que meu adversario afirmou João de Barros.

Se não me falha a memoria, João de Barros foi mais popular, pois que além de segundo gramático, foi ainda bom historiador e prosador da Lingua.

E' me sensível e palpavel a escassez de documento para apagar tão absurda opinião do meu retrogrado antagonista, todavia levei por abonatorio, e também o recomendo ao grámaticão que me contradiz, às preciosas lições do nosso conhecido filólogo João Ribeiro, que com sua guapeza, tanto nos tem auxiliado no desenvolvimento da Lingua.

Em a sua Seletá Clássica, á pag. 29—theór: Dialogo da Viciosa Vergonha, anotes: 54, alinea 5a, lê-se, dentre as obras de João de Barros, a sua GRAMÁTICA PUBLICADA EM 1540: e em o mesmo livro a pag. 128, theór: Brandura do Arcebispo na Admoestação anotes, 131, alinea 7a, lê-se:

"JA' O MAIS ANTIGO DOS N.O.S.S.O.S GRAMATICOS, FERNÃO DE OLIVEIRA, pedia a supressão do H, letra abstrata e sem que lhe corresponda.

Já se vê, pois, que a gramática de FERNÃO, precede a de JOÃO DE BARROS, que só a publicou em 1540:

Portanto dos grmaticistas considerados é o mais antigo FERNÃO DE OLIVEIRA

Borges.

Respondendo ao questionario ultimo d' «A Chrysallida», eis aqui como se sahiu galhardamente o nosso querido amigo Alfredo Corrêa, ainda do terceiro anno e já tão perspicaz e expedito

No que não poudes "meter o dente" f-i no quadro da Boa Morte, talvez com receio de ser excomungado.

Espéremos aqui ainda a visita do curioso que nos possa informar sobre a ultima pergunta E' o caso de se dizer a todos os alumnos do Lyceu: quem tiver seu cachorro que ponha atraz da lebre

O onze é dos numeros, talvez o que mais se preste a dar as metades mais variadas.

Se attendermos a verdadeira arithmetica, teremos que metade de onze é cinco e meio. E ninguém se espante disso. Mas, se o escrevermos em algarismos communs e o cortarmos ao meio, em linha vertical, cada metade delle será representada pelo numero um (1/1). Porém, se o graphamos em algarismos romanos, cortando-o pelo centro, horizontalmente, ficará de nariz comprido quem negar que a metade de XI seja VI.

Cereaes vem de *cereus*, uma das grandes divindades de Roma, deusa das casas, da agricultura e da civilização; filha do Saturno e de Rhéa, irmã de Jupiter e mãe de Proserpina. Verdadeiramente, diz o meu Petit La Rousse, o nome de cereaes só convem ás festas romanas em honra de Ceres. Havia frey entre as quaes uma delleas consistia em procissões e de matronas vestidas de branco, simulando Ceres a procurar Proserpina, diversos sacrificios e corridas nos circos. Chamam-se cereaes as plantas graníferas como o feijão, o milho, o arroz, o trigo, a cevada, o centeio etc.

Laconismo—modo de falar ou escrever concisamente; modo

breve e ao mesmo tempo sentencioso de exprimir um pensamento vem do laconio, dialecto empregado na Laconia, paiz da Grecia, uma das cinco provincias do Peloponeso.

O estylo laconico é excessivamente breve, mais ainda que o attico, que já é claro e conciso.

Varios paizes o usam. De onde provirá esta tendencia, natural, em certos povos? Seria uma questão interessante de se estudar, mas não é ainda para a minha turma.

Eis ahi respondidas as duas primeiras perguntas do ultimo numero da Chrysallida aos terceiros antiistas do Lyceu

Na terceira dellas, não lhe pude metter o dente.

Não conheço a pintura da igreja da Boa Morte e não tive tempo de procurar jornaes da terra, que, parece-me já trataram do assumpto, tempos atraz

A. C.

Conviria accentuar melhor a procedencia do termo laconismo, lembrando que os spartacos da Laconia, ao contrario dos outros gregos, tinham mesmo como uma honra falar pouco, per phrases curtase incisivas. Nisto se tornaram celebres e á sua maneira de expressão, chamou-se *laconismo*.

Alguns phrases dos Laconios ficaram na historia. Perguntaram a um dos seus reis: e qual é o melhor dos spartacos? "Aquelle que me os se parece contigo"

Quando Lysandro, tomou Athenas, findando uma enorme guerra, escreveu assim: "Athenas cahiu".

Uma guarnição estava apegada de um ataque e o ~~ataque~~ então enviou-lhe a seguinte mensagem:—"Atenção"

Façam suas encomendas na typographia de A. Calháo